



O Prólogo do Quarto Evangelho

The Prologue of the Fourth Gospel

Elaine de Azevedo Maria

Resumo

Este trabalho analisa o Prólogo do Quarto Evangelho. Ele contém a essência da Teologia Joanina, numa linguagem sutil e com profundidade ímpar. A partir dele se desenvolve todo o Evangelho, como para esclarecer suas misteriosas frases iniciais. O pensamento do Quarto Evangelho é original, possui um substrato único e identificável. Evidencia um cristianismo num período primitivo, revelando a existência da Igreja, de dois sacramentos – eucaristia e batismo – e do *kerygma*, pelo qual a Igreja primitiva manifestava a sua fé ao público não cristão. Esse artigo aborda os principais pontos teológicos do Evangelho que já se manifestam no Prólogo, indicando seus aspectos essenciais: o Logos, o Verbo que se encarna, a nova criação e os alicerces da Teologia Trinitária. Apresenta também João Batista, o precursor do Messias; é ele quem dá o testemunho daquele que virá para cumprir a promessa. Percebe-se, já no texto inicial de João à sua comunidade, a figura de Jesus como o revelado pelo Pai, enviado para viver, como homem, na história humana. O Logos é o centro do poema, desenvolvido em sua dimensão cristológica, descortinando sua intenção: estabelecer a vida humana de Jesus como o verdadeiro centro da revelação plena de Deus.

Palavras-chave: Evangelho de João. Prólogo. Teologia Joanina.

Abstract

This paper analyzes the Prologue of the Fourth Gospel. It contains the essence of Joanine Theology, in a subtle language and with a unique depth. From it, the whole gospel develops, as if to clarify his mysterious opening sentences. The way of thinking of the Fourth Gospel is original, and it has a unique and



identifiable substrate. It reveals a Christianity in a primitive period, assuming the existence of the Church, of two sacraments - eucharist and baptism - and of the kerygma, by which the primitive Church manifested its faith to the non-Christian public. This article addresses the main theological points of the Gospel that are already manifested in the prologue, indicating its essential aspects: the Logos, the Word that is incarnated, the new creation and the foundations of Trinitarian Theology. It also features John the Baptist, the forerunner of the Messiah; it is he who bears witness to the one who will come to fulfill the promise. One can already distinguish in the initial text of John to his community that the figure of Jesus is perceived as the one revealed by the Father, sent to live, as a man, in human history. The Logos is the center of the poem, developed in its Christological dimension, unveiling its intention: to establish the human life of Jesus as the true center of the complete revelation of God.

Keywords: Gospel of John. Prologue. Joanine Theology.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar o Prólogo do Quarto Evangelho. Composto por um poema, este trecho contém a essência da teologia joanina, numa linguagem sutil e com uma profundidade ímpar. Como revela Jacques Guillet, é necessário todo o Evangelho para esclarecer as frases misteriosas do Prólogo, mas o Prólogo, em sua linguagem própria, não diz coisa diferente do resto do Evangelho.¹

O pensamento do Quarto Evangelho é original e por isso é muito difícil analisar suas influências e fontes, porém possui um substrato único e identificável. O Evangelho evidencia um cristianismo num período primitivo, a existência da Igreja, de dois sacramentos – eucaristia e batismo – e do *kerygma* pelo qual a Igreja Primitiva manifestava a sua fé ao público não cristão. O evangelista deixa antever que o seu leitor é parte de uma comunidade e participa da Igreja.²

João, o evangelista, seria o filho de Zebedeu, que a antiga tradição identificava como “o discípulo que Jesus amava”. Nenhum dos cinco escritos do *Corpus Johannicum* afirma ter sido escrito pelo próprio apóstolo João. O

¹ GUILLET, J., Jesus Cristo no Evangelho de João, p. 28.

² DODD, C. H., A interpretação do Quarto Evangelho, p. 15.



Evangelho parece ser anônimo (Jo 21,24: “discípulo amado”), a primeira carta seria de João, o Apóstolo, a segunda e a terceira seriam de autoria de João, o Presbítero; e o Apocalipse seria de João, o Apóstolo (Jo 1,1.4). Outro aspecto que problematiza a autoria é o grego utilizado, pois enquanto o Evangelho e as três cartas têm um grego simples e popular, conquanto correto, o Apocalipse apresenta um grego com muitos solecismos, que são as falhas contra as regras da língua, e “falhas ostensivas no uso da gramática grega”. A diferença é tamanha que se torna até mesmo difícil sustentar que um mesmo autor tenha composto obras com linguagens e estilos tão diversos como o Quarto Evangelho e o Apocalipse.³

É importante ressaltar que, em relação à autoria, o caráter apostólico da obra não consiste em ter sido escrita por um apóstolo em pessoa, mas em expressar e transmitir a fé dos apóstolos, fundamento da fé das comunidades primitivas. Como expressa Johan Konings, o autor do Quarto Evangelho é um escritor qualificado, capaz de manejar a arte da retórica e dramática e que revela uma intensidade teológica profunda.⁴

Um interessante dado sobre o Evangelho de João, segundo J. Konings, é que não existe obra literária, seja ela profana ou não, que tenha sido conservada de forma mais confiável.⁵ Essa bela narrativa é comparada a uma túnica sem costura de Jesus, devido ao seu estilo homogêneo e expressões repetitivas. Apesar de equivalentes em tamanho, João usa aproximadamente apenas a metade do vocabulário usado no Evangelho de Lucas. Essa monotonia é uma característica da liturgia oriental, em que os mesmos temas se repetem, como colunas de um templo antigo que tem diversas referências – que podem ser explícitas ou não – e se ligam entre si.⁶

1. O Quarto Evangelho

O livro de João não tem como objetivo ser uma biografia e sim uma interpretação da vida, das obras e missão de Cristo, realizada pela comunidade a partir da sua fé com uma linguagem teológica. Não se deve comparar esse Evangelho com os Sinóticos em relação à cronologia dos acontecimentos, como

³ GONZAGA, W., A acolhida e o lugar do Corpus Joanino no Cânon do Novo Testamento, p. 684.

⁴ KONINGS, J., Evangelho segundo João, p. 30 e 33.

⁵ KONINGS, J., Evangelho segundo João, p. 16.

⁶ KONINGS, J., Evangelho segundo João, p. 16.



se a expulsão dos vendilhões do templo ocorreu no início ou no final de sua vida, e sim analisar os acontecimentos pelo plano teológico.⁷

O Evangelho de João foi, provavelmente, escrito para não cristãos. Esta hipótese fica evidente no Prólogo, que inicia apresentando o Logos eterno que foi anunciado por um homem mandado por Deus, João. Só depois o texto narra que Jesus foi batizado no rio Jordão, não se preocupando em explicar quem era Jesus. O texto apresenta o Logos encarnado na pessoa humana que é identificado por João Batista e posteriormente apresenta o seu nome. Fica evidente então que, mesmo se o leitor não soubesse do cristianismo e de seu fundador, poderia entender este Prólogo.⁸ Eugene Boring, utilizando como exemplo a descrição “dos judeus” e “do mundo”, analisa que o Quarto Evangelho parece ter sido escrito para os membros da comunidade joanina com a finalidade de aprofundar e esclarecer a fé na fé.⁹ Também Charles H. Dood mostra que os destinatários do Quarto Evangelho seriam não cristãos que tinham interesse em religião e que viviam em grandes cidades cosmopolitas, como Éfeso, no Império Romano.¹⁰

Acerca da datação, não é fácil precisar a data, mas há, sim, a possibilidade de indicar o período da escrita deste Evangelho. Situa-se na última década do final do primeiro século do cristianismo, quando também podemos colocar a morte de João, o apóstolo. E é a literatura apócrifa atribuída a João, apóstolo e evangelista, que nos revela a grandeza e envergadura de sua figura entre os apóstolos. Segundo Gonzaga, a literatura apócrifa joanina é composta pelos seguintes textos:

O Apócrifo de João (100-150 d.C.); Os Atos de João (c. 150 d.C.); Restos dos Diálogos entre João e Jesus (séc. II); A sorte de João, o teólogo, e de Maria (séc. IV); O Livro de São João, o evangelista e teólogo (séc. IV); O Livro Secreto de João (séc. IV); A Revelação de São João, o teólogo (séc. IV); O Livro do Pseudo João (400-450 d.C.); Paixão de João (séc. V); Atos do Santo Apóstolo e Evangelista João (séc. V-VI); Os Atos de João e do Pseudo Prócor (séc. V-VI); História Siríaca de João, o Filho de Zebedeu, Apóstolo e Evangelista (séc. V-VI); Tratado de São João, o Teólogo, sobre a passagem da Santa Mãe de Deus (séc. VI); O Livro de João, Arcebispo de Tessalônica, sobre a *Dormitio Mariae* (c. 630 d.C.); Homilia do Metropolita João, sobre a Assunção de Maria (época incerta);

⁷ MATEOS, J.; BARRETO, J., Introdução, p. 8-9.

⁸ DODD, C. H., A interpretação do Quarto Evangelho, p. 18.

⁹ BORING, M. E., Cartas católicas, Sinóticos e Estudos Joaninos, p. 1195.

¹⁰ DODD, C. H., A interpretação do Quarto Evangelho, p. 18.



A Lenda Siro-Etiópica e o Pseudo João (medieval); Carta de Inácio a João (medieval).¹¹

O Evangelho de João utiliza o Antigo Testamento de forma livre, pois não pretende classificar Jesus em alguma corrente teológica do AT e sim apresentá-lo como uma radical novidade.¹² Com o objetivo de fazer uma ligação com o AT, o evangelista, já no Prólogo, utilizou a figura de João Batista para anunciar e dar testemunho. A forma dessas citações do AT não é literária, e sim alusões, utilizando técnicas de interpretação, ampliação e substituição. Estas técnicas dependem do esquema “figura e realização”, que foi muito empregado no NT, que coloca Cristo como a plena realização do que o AT já trazia em figura.¹³

O Evangelho de João tem paralelo com os escritos paulinos. Esses paralelos são temáticos, o que leva a crer que os autores se deparavam com problemas semelhantes: relações comunitárias do cristianismo primitivo com o judaísmo.¹⁴

2. O Prólogo

O Evangelho de João inicia de forma solene, como de costume no gênero literário poético, apesar de ter algumas partes narrativas em seu Prólogo. Segundo Vianney, o gênero poético utiliza a técnica de repetição das palavras, que é típico deste gênero e, como um todo, o poema do Prólogo celebra a Palavra.¹⁵ Já para Xavier Léon-Dufour, o Prólogo desconcerta a lógica ocidental porque suas afirmações, seu ritmo e movimento obedecem a estruturas mentais diferentes.¹⁶

O capítulo primeiro do Evangelho é composto de duas partes, a primeira é o Prólogo hínico (Jo 1,1-18), que apresenta um hino recorrente da comunidade joanina. A segunda parte, que começa no versículo 19, é a introdução da narrativa de todo o Evangelho,¹⁷ iniciando com o testemunho de João e revelando como formou-se o ministério de Jesus.

¹¹ GONZAGA, W., A acolhida e o lugar do Corpus Joanino no Cânon do Novo Testamento, p. 692.

¹² MATEOS, J.; BARRETO, J., Introdução, p. 13.

¹³ VIANNEY, J. C., Evangelho segundo João, p. 31.

¹⁴ VIANNEY, J. C., Evangelho segundo João, p. 31.

¹⁵ VIANNEY, J. C., Evangelho segundo João, p. 53.

¹⁶ LÉON-DUFOUR, X., Leitura do Evangelho segundo João, p. 39.

¹⁷ BORING, M. E., Cartas católicas, Sinóticos e Estudos Joaninos, p. 1204.



De acordo com Boring, este magnífico poema que compõe o Prólogo hínico foi acrescentado em três versos pelo evangelista: 6-8,12c-13,15,17-18. O Prólogo expressa os aspectos principais da sua Teologia e serve como chave interpretativa de todo o Evangelho de João. Parece refletir a estrutura do hino original, com duas partes: o papel do Verbo na criação (Jo 1,11-13) e na história, e apresentando a encarnação do Verbo e a resposta de fé (Jo 1,14-18).¹⁸ Sobre este hino que compõe o Prólogo, Xavier Léon-Dufour analisa que era uma confissão de fé antiga, um hino em honra ao Logos.¹⁹

Vianney apresenta o Prólogo em 5 partes e destaca que a centralidade é a afirmação que a Palavra criadora se fez carne:

- a) A palavra no princípio e na criação 1,1-5;
- b) João Batista: testemunha da Luz 1,6-8;
- c) A Palavra e sua presença no mundo 1,9-14;
- d) João Batista: testemunha que clama 1,15;
- e) A Palavra revela e conduz 1,16-18.²⁰

O conjunto de textos atribuídos a João possui três estilos literários: evangélico, epistolar e apocalíptico. Esta pluralidade de estilos é diferente dos demais autores do NT, que se enquadram apenas em um único gênero literário.²¹ Abordamos, a seguir, os principais temas do Prólogo do Evangelho de João que serão, depois, desenvolvidos ao longo dos 20 capítulos subsequentes.

a) Logos

No Evangelho de João, o termo grego “Logos”, do gênero masculino, é traduzido para o português como “palavra” que é do gênero feminino. Essa mudança impacta todo o texto, apesar de não causar grandes modificações no sentido do texto.²² O Logos é o conceito utilizado como uma ponte entre o AT e a religião greco-romana. É a ponte hermenêutica entre o mundo judaico-cristão e o mundo greco-romano.²³

João não começa o seu testemunho com uma genealogia e sim numa perspectiva ampla, fazendo uso de um hino existente no meio judaico-

¹⁸ BORING, M. E., *Cartas católicas, Sinóticos e Estudos Joaninos*, p. 1204-1208.

¹⁹ LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João*, p. 29.

²⁰ VIANNEY, J. C., *Evangelho segundo João*, p. 50.

²¹ GONZAGA, W., *A acolhida e o lugar do Corpus Joanino no Cânon do Novo Testamento*, p. 685.

²² VIANNEY, J. C., *Evangelho segundo João*, p. 54-55.

²³ MAZZAROLO, I., *Nem aqui, nem em Jerusalém*, p. 36.

helenístico.²⁴ Esse hino tem como função afirmar, desde seu Prólogo, a sua tese em torno do Logos. Já no primeiro versículo coloca a definição de Logos:

- a) No começo era (estava) Logos;
- b) O Logos estava junto de Deus (no começo);
- c) O Logos era Deus (desde o começo).²⁵

O Prólogo do Evangelho de João apresenta Jesus como Logos, que significa palavra, com referências que permitem a volta ao passado, como quando cita o livro da Sabedoria e o Gênesis, do Antigo Testamento, instigando a vermos o olhar amoroso de Deus através da história. A palavra é a centralidade do primeiro capítulo do Evangelho joanino e é uma proximidade, uma ponte, entre esse livro e a Teologia Sapiencial do Gênesis.²⁶

Logos é a palavra, mas expressa também a relação de Deus com o mundo. No momento da criação, só havia Deus e a sua comunicação se deu pela palavra. O Prólogo tem como objetivo situar a relação com Deus por esta perspectiva.²⁷

Segundo Mazzarolo, o redator do Evangelho associa Logos ao fogo, pois o fogo é eterno, assim como o Logos. O fogo é a *physis* e o Logos a revelação da *physis*. Para os gregos, Logos vem de *légo*, do grego antigo, que significa reunir, recolher coleção, e o significado evoluiu, passando a ser contar, enumerar, narrar e dizer. Nos escritos do AT, Logos tinha como correspondente *dabār* (na transliteração do hebraico), que significa palavra, discurso, realidade. *Dabār* tem um sentido criativo e não destrutivo. Os profetas do AT têm como força da pregação a palavra, como expressão e submissão para a missão.²⁸

Apesar de aparecer em apenas dois versículos (1 e 14), Logos é o assunto de todo o conjunto do Prólogo. A palavra aparece no texto como já sendo de conhecimento do leitor, sabe-se que termo já havia sido utilizado por Heráclito e Teófilo de Antioquia, no AT e pelo judaísmo da época.²⁹ Porém, com este sentido pessoal e de modo absoluto, no NT, só é encontrado no Prólogo de João. Nos outros livros do NT, a palavra Logos tem significado diverso, sendo costume expressar a ideia de “mensagem evangélica”. No Apocalipse é que fica estabelecido o Logos de Deus como a palavra divina.³⁰

²⁴ MAZZAROLO, I., Nem aqui, nem em Jerusalém, p. 36.

²⁵ MAZZAROLO, I., Nem aqui, nem em Jerusalém, p. 36.

²⁶ MAZZAROLO, I., Nem aqui, nem em Jerusalém, p. 51.

²⁷ LÉON-DUFOUR, X., Leitura do Evangelho segundo João, p. 60-66.

²⁸ MAZZAROLO, I., Nem aqui, nem em Jerusalém, p. 51.

²⁹ Heráclito e Teófilo de Antioquia *Apud* LÉON-DUFOUR, X., Leitura do Evangelho segundo João, p. 47.

³⁰ LÉON-DUFOUR, X., Leitura do Evangelho segundo João, p. 47-49.



b) O Verbo

Deus já desempenhava sua ação pelo mundo antes da encarnação e, embora sua atuação antes ou depois do evento Cristo seja a mesma, ela apresenta formas bastante diversas. O Prólogo tem como função justamente demonstrar que se o Verbo não era visível sua ação já era. Para demonstrar esta unidade na ação, o evangelista escolhe utilizar o termo já empregado.³¹

c) O infinito e o particular

O Logos universal, o Deus absoluto fonte de toda vida, luz e criação é apresentado por João no Prólogo (Jo 1,1-5). Este Logos transcendente é a fonte de toda vida, onde quer que esta seja encontrada e não apenas em Israel e no evento Jesus Cristo (Jo 1,9-10). Onde existe a verdade, sendo reconhecida pelos humanos ou não, ela pertence a esta única luz. Essa verdade é una, criada pelo único Deus – a primeira parte do Prólogo afirma o caráter absoluto de Deus.³²

Já a segunda parte anuncia que este Logos se fez carne (Jo 1,14), entrando no particular e finito da história humana. Deus entrou na relatividade e se tornou ser humano. Em Jesus está o Deus verdadeiro, o absoluto, onde está toda a luz e toda a verdade. Esta afirmação é considerada como alta cristologia, pois reconhece a complexidade da encarnação.³³

A visão de João é que a encarnação do Verbo absoluto em Jesus continua na relatividade da comunidade cristã, que era humana, com desconfianças, mal-entendidos e debates que lhe são próprios. É no mundo com pecados que a graça Divina e o poder da ressurreição são derramados.³⁴

d) A nova criação em João

O tema da criação é uma das duas linhas-mestras da Teologia de João,³⁵ que inaugura o capítulo primeiro e fornece uma chave interpretativa da vida de Jesus.³⁶

³¹ GUILLET, J., Jesus Cristo no Evangelho de João, p. 20.

³² BORING, M. E., Cartas católicas, Sinóticos e Estudos Joaninos, p. 1207.

³³ BORING, M. E., Cartas católicas, Sinóticos e Estudos Joaninos, p. 1207.

³⁴ BORING, M. E., Cartas católicas, Sinóticos e Estudos Joaninos, p. 1208.

³⁵ A outra linha teológica citada por Juan Mateo e Juan Barreto é a Páscoa-aliança.

³⁶ MATEOS, J.; BARRETO, J., Introdução, p. 9.



A palavra Logos tem também a perspectiva, segundo Mazzarollo, de atribuir a função criadora a Jesus. No Gênesis, a criação foi realizada pela palavra, e do mesmo modo no capítulo 1 de João, quando diz, no hino da Criação, que tudo foi realizado através dele, pela palavra e a palavra estava junto de Deus desde o princípio. O filho participa da obra do pai, ocupando-se da criação com o pai.³⁷

No contexto do judaísmo antigo, a “Palavra de Deus” era vista como criadora, origem da vida, revelação de Deus e a sabedoria de Deus. A novidade proclamada por João é que a Palavra criadora se fez carne.³⁸

Comparando o Prólogo de João com Cl 1,15-20, percebe-se que há a mesma progressão do pensamento sobre a forma que Cristo age na história para chegar à sua ação criadora. Observa-se que o Verbo que se fez carne é o mesmo Verbo que estava no princípio junto ao Pai. Nos dois trechos há a realização na pessoa de Jesus, trazendo os desígnios iniciais e globais de Deus sobre a criação.³⁹

e) João Batista (a explicação no capítulo 1)

O relato sobre o precursor de Cristo no Prólogo pode ser dividido, segundo Mazzarollo, em três tópicos: a) 1,6-8; 3,23.25. O primeiro se situa no Prólogo: o Messias é a luz e João veio testemunhar a luz. Em grego, o verbo testemunhar pode ser traduzido como homologar ou declarar. Isso porque se a Luz que brilha nas trevas é rejeitada (Jo 1,5), é necessário que alguém possa reconhecê-la, declará-la como verdadeira e cumprir a profecia do AT. O testemunho de João faz a ponte para o “novo”, fechando as portas da promessa e abrindo as da realidade.⁴⁰

Os autores Mateos e Barreto analisam que o testemunho de João Batista tinha como objetivo que todos pudessem crer no Messias Jesus. O testemunho de João nasce da sua experiência pessoal (Jo 1,32: *contemplei*), da descida e permanência do Espírito sobre Jesus e, por isso, declara Cristo como o “Filho de Deus”.⁴¹ O precursor está no meio da humanidade oprimida pelas trevas e testemunha a favor da luz (Jo 1,6-8) e o seu testemunho pretende despertar o anelo de vida e suscitar a adesão à luz, personificada no Messias.⁴²

³⁷ MAZZAROLO, I., Nem aqui, nem em Jerusalém, p. 51.

³⁸ VIANNEY, J. C., Evangelho segundo João, p. 50.

³⁹ GUILLET, J., Jesus Cristo no Evangelho de João, p. 23.

⁴⁰ MAZZAROLO, I., Nem aqui, nem em Jerusalém, p. 58.

⁴¹ MATEOS, J.; BARRETO, J., Testemunho, p. 266.

⁴² MATEOS, J.; BARRETO, J., Luz, p. 170.



João Batista tem, através do seu testemunho, confissão, pregação e martírio, a missão de identificar e declarar Cristo como o Messias que toma o pecado do mundo. Para realizar tal missão, João precisava compreender a função do cordeiro no AT. Na celebração da páscoa, eram designados dois cordeiros, um para ser sacrificado no culto e o outro era o bode expiatório, que era enviado para o deserto encharcado de sangue em um ritual para ser devorado pelas feras com o intuito de carregar em suas costas todos os pecados do mundo e justificá-los. João identifica Jesus como esse cordeiro que toma para si os pecados de toda a humanidade, realizando um ato libertador definitivo.⁴³

f) Jesus, Luz do mundo

Segundo Mateos e Barreto, a identificação da luz com a vida mostra a equivalência de trevas e morte e é um projeto de Deus para que a luz brilhe constantemente para todos. O desejo humano de plenitude faz parte do projeto divino, pois tudo foi criado justamente por este projeto/palavra e a ele responde (Jo 1,3). Porém a maioria dos homens o rejeitou (Jo 1,10), ou seja, reprimiu o desejo de vida plena, submetendo ou sendo instrumento das trevas (Jo 1,5). Este processo de rejeição é chamado de “o pecado do mundo”.⁴⁴

A Luz equivale à “verdade”, pois para o homem a única verdade é a plenitude de vida contida no projeto divino que manifesta o amor de Deus e a plena verdade do homem.⁴⁵

O projeto verdadeiro de Deus é encarnado feito homem em Jesus, logo Ele é a luz do mundo, a vida da humanidade. Quem adere a Jesus obtém a luz, que é vida, e escapa das trevas-morte, realizando o projeto divino. A luminosidade demonstra a manifestação do amor leal, da vida de Jesus. A luz é o resplendor da vida anunciada pela encarnação de Cristo.⁴⁶

g) A Trindade revelada no Prólogo

No seu Prólogo, o autor do Quarto Evangelho colocou os alicerces da Teologia Trinitária, com a análise da distinção e da união do Filho e do Pai, sendo Jesus unigênito do Pai. A expressão “monogênés” significa o único

⁴³ MAZZAROLO, I., *Nem aqui, nem em Jerusalém*, p. 57.

⁴⁴ MATEOS, J.; BARRETO, J., *Luz*, p. 169-170.

⁴⁵ MATEOS, J.; BARRETO, J., *Luz*, p. 170.

⁴⁶ MATEOS, J.; BARRETO, J., *Luz*, p. 170.



gerado por Deus.⁴⁷ A leitura “unigênito Deus” está nos manuscritos antigos e a expressão foi utilizada pelos escritores patrísticos. Todavia há na Vulgata e na tradição bizantina também a expressão “filho unigênito”, alteração que, segundo Vianney, tinha como objetivo tornar o texto mais fácil. Na mesma forma, a leitura “filho de Deus unigênito” pode ser encontrada em alguns poucos testemunhos textuais.⁴⁸

Importante ressaltar que João, em 1,18, inova toda a tradição judaica que o ser humano não pode ver Deus. É provável que João quisesse acentuar a autoridade de Jesus, seu conhecimento do Pai, sendo superior ao de Moisés, pois esse não pode ver a face de Deus. O Filho é a comunicação da graça e da misericórdia do Pai.⁴⁹

Abordando essas temáticas que apresentamos, o Prólogo já deixa vislumbrar a intenção do evangelista, que era apresentar a história – divina e humana ao mesmo tempo – da vinda de Jesus Cristo ao mundo: o Verbo que se encarna para a salvação dos homens. A escolha pelo poema inicial revela o desejo de desvelar a Teologia pelo caminho simbólico, aprofundando os fatos em novas ressonâncias, eles fazem parte da história, nela se realizam e é ali que adquirem o sentido que João desvenda enquanto testemunha da vinda do Messias.

Conclusão

O Prólogo é a introdução ao Evangelho de João, em que já aparece, como síntese, tudo o que será abordado no relato joanino. Com pensamento original, apresenta a figura de Jesus como o revelado pelo Pai, enviado para viver, como homem, na história humana. Percebe-se um cristianismo num período primitivo, mas o evangelista mostra que o seu leitor é parte de uma comunidade e participa da Igreja. O Logos é o centro do poema, desenvolvido em sua dimensão cristológica. O Evangelho tinha uma intenção: estabelecer vida humana de Jesus como o verdadeiro centro da revelação plena de Deus.

A antiga tradição identificava João como “o discípulo que Jesus amava”. Dos cinco escritos do *Corpus Johannicum* não se pode afirmar que tenham sido escritos pelo próprio apóstolo João – o próprio Evangelho parece ser anônimo, a primeira carta, de João, o Apóstolo, a segunda e a terceira poderiam ser de autoria de João, o Presbítero; e o Apocalipse sim, de João, o Apóstolo (Jo 1,1.4). As próprias diferenças na língua grega – o Evangelho e as três cartas têm um

⁴⁷ MAZZAROLO, I., Nem aqui, nem em Jerusalém, p. 54.

⁴⁸ VIANNEY, J. C., Evangelho segundo João, p. 56.

⁴⁹ MAZZAROLO, I., Nem aqui, nem em Jerusalém, p. 55.



grego simples e popular, mas correto, o Apocalipse apresenta um grego com falhas gramaticais, fazem com que seja difícil sustentar que um mesmo autor seja o compositor de obras com linguagens e estilos tão diversos. Registre-se que o caráter apostólico da obra não consiste em sua autoria por um apóstolo em pessoa, mas que expressou e transmitiu os fundamentos da fé das comunidades primitivas.

Os principais temas apresentados no Prólogo foram desenvolvidos ao longo dos 20 capítulos do Evangelho de João – o Logos (a palavra), o Verbo (encarnação), a nova criação, João Batista como o precursor de Jesus, o Filho como a luz do mundo (a verdade), e a Teologia Trinitária.

O que se pode afirmar é que o Prólogo é um belíssimo trecho da Sagrada Escritura, que encanta e seduz, inspirando e iluminando a leitura do Quarto Evangelho. Johan Konings⁵⁰ ressalta que, no v.14, há o anúncio do efeito da revelação de Deus em Jesus, que é pleno de graça e de verdade, e que nós todos (o evangelista e a comunidade – de todos os tempos) recebemos em plenitude. A lei foi dada por intermédio de Moisés, mas a graça, a verdade e o amor fiel por excelência tornaram-se realidade em Jesus Cristo. O Prólogo do Quarto Evangelho induz o leitor a superar o nível da narrativa e mergulhar nas profundezas do texto para procurar sentindo na contemporaneidade.

Referências bibliográficas

BORING, M. E. **Cartas católicas, Sinóticos e Estudos Joaninos**. Santo André: Paulus, 2016.

DOOD, C. H. **A interpretação do Quarto Evangelho**. São Paulo: Paulinas, 1977.

GONZAGA, W. A acolhida e o lugar do Corpus Joanino no Cânon do Novo Testamento. **Perspectiva Teológica**, v. 52, n. 3, p. 681-704, set./dez. 2020. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/4461/4507>. Acesso em: 24 fev. 2021. DOI: <https://doi.org/10.20911/21768757v52n3p681/2020>

GUILLET, J. **Jesus Cristo no Evangelho de João**. São Paulo: Paulinas, 1985.

KONINGS, J. **Evangelho segundo João: amor e fidelidade**. Petrópolis: Vozes, 2000.

⁵⁰ KONINGS, J., Evangelho segundo João, p. 53 e 83.



LÉON-DUFOUR, X. **Leitura do Evangelho segundo João**. São Paulo: Loyola, 1996. v. 1 (Palavra de Deus).

MATEOS, J.; BARRETO, J. Introdução. MATEOS, J.; BARRETO, J. **Vocabulário teológico do Evangelho de São João**. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 5-14.

MATEOS, J.; BARRETO, J. Luz. In: MATEOS, J.; BARRETO, J. **Vocabulário teológico do Evangelho de São João**. São Paulo: Paulinas, 2005. p.169-172.

MATEOS, J.; BARRETO, J. Testemunho. In: MATEOS, J.; BARRETO, J. **Vocabulário teológico do Evangelho de São João**. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 266-269.

MAZZAROLO, I. **Nem aqui, nem em Jerusalém: o evangelho de São João**. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2000.

VIANNEY, J. C. **Evangelho segundo João**. São Paulo: Paulinas, 2018.

Elaine de Azevedo Maria

Graduanda em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro / RJ – Brasil

E-mail: elainemaria@puc-rio.br

Recebido em: 25/02/21

Aprovado em: 18/06/21